

## **IV CICLO DE PALESTRAS EM HISTÓRIA E FILOSOFIA DA PSICOLOGIA**

*Universidade Estadual de Maringá*

16 a 17 de Outubro de 2015

---

### **PARA ALÉM DO HEROÍSMO E DA COMEMORAÇÃO: AS TRANSFORMAÇÕES DO GÊNERO BIOGRÁFICO E AUTOBIOGRÁFICO NA HISTORIOGRAFIA DA PSICOLOGIA CONTEMPORÂNEA**

Robson Cruz (Bolsista de pós-doutorado Fapesp, processo: 15/00514-0, Núcleo de História da Psicologia, Departamento de Psicologia, PUC-SP, São Paulo, Brasil).

contato: robsoncruz78@yahoo.com.br

**Palavras-chave:** História da Psicologia; História da Biografia; Biografia Científica

No século XIX e durante quase todo o século XX, a biografia foi concebida como inexpressiva fonte de pesquisa para a ciência histórica. Mais do que não se comunicarem, biografia e história apresentavam antagonismos profundos. A biografia era compreendida como saber subjetivista e desprovido de erudição; a história, por sua vez, era apreciada como ciência objetiva e culta (Dosse, 2009). Em razão de tais diferenças, por muito tempo, o gênero biográfico permaneceu menosprezado como fonte de saber histórico (Dosse, 2009; Loriga, 2011). Todavia, a partir da década de 1980, importante mudança ocorreu nesse cenário. As ciências humanas e sociais redescobriram a biografia como “um gênero que a razão gostaria de ignorar” (Dosse, 2009, p. 16). Desde então, é crescente o interesse pela biografia como campo de estudo e fonte de pesquisa. A enorme ampliação editorial e a organização da comunidade científica em torno do gênero biográfico comprovam sua reinserção na história e em outras áreas do conhecimento que, até então, o haviam rejeitado (Denzin, 1989; Nye, 2006).

Uma das razões que tornou o gênero biográfico atraente nas últimas décadas é uma singularidade que antes o desqualificava: suas inúmeras possibilidades de classificação. Esse predicado pejorativo na história positivista e estruturalista de parte expressiva do século XX – se tornou uma prerrogativa da biografia por torná-la fonte favorável à diálogos antes inimagináveis com a história e as demais ciências humanas e sociais (Dosse, 2009; Loriga, 2011). Assim, a produção biográfica passou a ser concebida como fenômeno histórico, psicológico, sociológico, antropológico e filosófico. Como, por que, por quem e para quem ela é escrita, as prováveis classificações de uma biografia, seu caráter mimético, seu impacto na consciência histórica, entre outras questões possibilitaram que a biografia se tornasse objeto de estudo legítimo de diferentes campos do conhecimento (Dosse, 2009; Vilas Boas, 2008). Ao mesmo tempo, como sugere Denzin

## **IV CICLO DE PALESTRAS EM HISTÓRIA E FILOSOFIA DA PSICOLOGIA**

*Universidade Estadual de Maringá*

16 a 17 de Outubro de 2015

---

(1989), é notável que o gênero biográfico adquiriu crescente valor e foi compatibilizado, a partir da década de sessenta, com o projeto das ciências humanas e sociais de compreensão das complexas relações entre a díade sujeito-sociedade, uma vez que proveria saída teórico-metodológica para analisar as vinculações intrincadas entre a história individual e social. Como Mills (1959/2009) afirmou, ao final da década de 1950, ao prenunciar a retomada do papel da biografia nas ciências e sociais: “nenhum estudo social que não voltar para os problemas da biografia, da história e de suas interseções dentro de uma sociedade não completou sua jornada intelectual” (p. 6).

No campo da história da ciência, diferentemente de outros campos do conhecimento, o gênero biográfico sempre teve espaço garantido. Seu papel foi o de preâmbulo ao ensino de conteúdos científicos por meio da exposição de hagiografias científicas (Alfonso-Goldfarb, 2004). Ou seja, uma das funções que desqualificou historicamente o gênero biográfico, a saber, seu caráter excessivamente cerimonial, foi desempenhada na história da ciência desde sempre (Nye, 2006; Popkin, 2005). No presente, uma história comemorativa ainda predomina, especialmente, na literatura didática da ciência (Greene, 2007). Todavia, em consonância com as transformações mais amplas sobre a escrita da vida, o gênero biográfico, no âmbito da produção especializada da historiografia da ciência, também apresentou mudanças significativas, a partir da década de 1980.

Na historiografia da psicologia, o recurso à narrativa biográfica e autobiográfica seguiu caminho similar ao que lhe foi conferido na história da ciência. Primeiramente, compactuou-se com o que desqualificava esse tipo de narrativa: a comemoração e a celebração exacerbada de determinados personagens (Ball, 2012; Runyan, 2006). Porém, uma historiografia da psicologia pautada nessa perspectiva começou a sofrer críticas a partir das décadas de 1960 e 1970 (Pickren & Rutherford, 2010). Críticas às versões oficiais da história da psicologia surgiram com a emergência da prática de psicólogos-historiadores; psicólogos dedicados total ou parcialmente à investigação da história da psicologia (Vaughn-Blount, Rutherford, Baker & Johnson, 2009). Entre outras coisas, essa nova geração de psicólogos-historiadores introduziu categorias sociais na historiografia da psicologia por meio da contínua crítica à história oficial e seu papel na manutenção de estruturas sociais dominantes, resultando no desvelamento de fatores até então escassamente tratados como componentes da história daquela ciência. Assim, foram integrados às novas tendências da historiografia da psicologia o controle econômico e político, as relações de gênero, raça e classe, a estrutura colonialista na expansão da psicologia no século XX e o tratamento de sujeitos e grupos marginalizados (Pickren & Rutherford, 2010; Vaughn-Blount, Rutherford, Baker & Johnson, 2009).

## **IV CICLO DE PALESTRAS EM HISTÓRIA E FILOSOFIA DA PSICOLOGIA**

*Universidade Estadual de Maringá*

16 a 17 de Outubro de 2015

---

Tais apreciações emergentes de cenário mais amplo de crítica do conhecimento psicológico, nas décadas de 1960 e 1970, explicitavam os prejuízos oriundos do caráter ideológico de uma história excessivamente comemorativa e internalista, gerando aquilo que Abib (1998) nomeou de virada social na historiografia da psicologia: uma tentativa de incluir nas tradicionais versões históricas da psicologia determinantes sociais da ciência que indicavam seu caráter político e ideológico. Um exemplo patente da necessidade de desvelamento dos usos ideológicos e políticos da história da psicologia foi a ocultação do papel de sujeitos e de grupos excluídos – inclusive envolvidos na produção do conhecimento psicológico, como foi o caso da supressão quase total da atuação central de psicólogas na história da área (e.g., Kendler & Kendler, 2003; Pickren & Rutherford, 2010; Vaughn-Blount, Rutherford, Baker & Johnson, 2009). Consequência desse panorama de reavaliação historiográfica foi que, nas últimas três décadas, “proclamando serem as mais recentes histórias da psicologia muito internas e presentistas em sua orientação, a nova geração de psicólogos-historiadores almejou se tornar mais historicista em seus escritos” (Ball, 2012, p. 73).

Como decorrência dessa nova configuração da historiografia da psicologia foi estabelecida a censura e o patrulhamento ideológico aos estudos biográficos dos expoentes da psicologia. Tal produção, percebida com desconfiança, representava aquilo que se era criticado e buscava-se evitar: a celebração, o heroísmo e a defesa da noção de progresso (Ball, 2012). Embora plenamente justificável, Ball (2012) sugere que a crítica à historiografia tradicional da psicologia resultou em excessiva fiscalização da produção biográfica dos “grandes homens” da psicologia, impedindo justamente a aplicação da crítica que lhe era direcionada. Com efeito, a depreciação da produção biográfica na psicologia impossibilitou, durante algum tempo, a reconstrução da história de vida daqueles sujeitos como parte de uma rede de relações sociais apagadas nas tradicionais versões biográficas da psicologia.

Mudanças na produção biográfica e autobiográfica da psicologia apenas se tornaram evidentes a partir da década de 1980 e derivaram, portanto, não só da mencionada retomada do gênero biográfico nas ciências humanas, mas do gradual efeito das críticas sociais à psicologia e à sua historiografia (Abib, 1998; Buss, 1975; Danziger, 1993). Desse modo, nas últimas três décadas, têm sido empreendidos esforços para reinterpretação da vida dos chamados “grandes homens” da psicologia. Portanto, são recentes as tentativas de reconstrução da imagem histórica de eminentes nomes da história da psicologia. Amostras desse novo cenário de produção biográfica da psicologia

## **IV CICLO DE PALESTRAS EM HISTÓRIA E FILOSOFIA DA PSICOLOGIA**

*Universidade Estadual de Maringá*

16 a 17 de Outubro de 2015

---

encontram-se em biografias de nomes como Freud (Gay, 1989), Pavlov (Todes, 2002), Lacan (Roudinesco, 1994), Watson (Buckley, 1989), Piaget (Ratcliff, 2010) e a extensa e surpreendente autobiografia de Skinner (Skinner, 1979; 1984a; 1984b). Além das suas peculiaridades, o que esses trabalhos têm em comum é o tratamento da vida e da obra de personagens consagrados na história da psicologia como parte de quadros sociais diversificados, entendendo-se que suas realizações científicas não se explicam apenas com referências à construção lógica dos seus sistemas psicológicos.

Ainda mais recentes são os esforços para a narrativa de histórias de vida de praticantes da psicologia excluídos da história oficial dessa ciência. Exemplos dessa orientação são a análise biográfica da experiência de enfrentamento da estrutura política e institucional da universidade canadense, pela primeira geração de psicólogas daquele país (Gul; Caplan; Korostoliev; Ball; Bazar; Rodkey; Young; Sheese & Rutherford, 2013), a biografia – ainda em construção – do psicólogo latino-americano Martín-Baró (Portillo, 2012) e a produção de autobiografias de psicólogas e psicólogos negros, no contexto da universidade estadunidense (White, Williams, Majzler, 2011).

Apesar da identificação desse panorama de transformações na produção biográfica e autobiográfica da psicologia, não há ainda um quadro histórico que indique com maior precisão as mudanças sofridas nesse âmbito da historiografia da psicologia. No máximo, avaliações sobre a produção biográfica e autobiografia da psicologia, aparecem em forma de resenhas em periódicos especializados em história da ciência e psicologia. É, portanto, tendo em vista, a necessidade de compreensão das transformações nesse campo, que o objetivo desta conferência será o de apresentar os resultados de pesquisa de pós-doutorado que analisa as perspectivas contemporâneas da produção biográfica e autobiográfica na historiografia da psicologia. Mais do que descrever uma classificação das tendências na produção da área, a proposta é indicar os elementos constituintes das novas formas de narrativa de vida na história psicologia, conferindo especial atenção para a reconstrução da vida dos ditos “grandes homens” dessa ciência e para a produção biográfica e autobiográfica de indivíduos até então excluídos na história oficial da psicologia. Por fim, será discutido como tais transformações se integram no quadro mais amplo de mudanças teóricas e metodológicas na narrativa biográfica e autobiográfica e, ainda, os prováveis impactos dessa produção na formação da identidade e consciência histórica da psicologia enquanto ciência e profissão.

## IV CICLO DE PALESTRAS EM HISTÓRIA E FILOSOFIA DA PSICOLOGIA

*Universidade Estadual de Maringá*

16 a 17 de Outubro de 2015

---

### Referências

Abib, J. A. D. (1998). Virada social na historiografia da psicologia e independência institucional da psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14, 77-84.

Alfonso-Goldfarb, A. M. (2004). *O que é história da ciência*. São Paulo: Brasiliense.

Ball, L. C. (2012). Genius without the “Great Man”: New possibilities for the historian of psychology. *History of Psychology*, 15(1), 72-83.

Buckley, K. W. (1989). *Mechanical Man: John Broadus Watson and the beginnings of Behaviorism*. New York: Guilford Press.

Buss, A. R. (1975). The emerging field of the sociology of psychological knowledge. *American Psychologist*, 30, 988-1002.

Danziger, K. (1993b). The social context of research practice and the priority of history. *Psychologie und Geschichte*, 4, 178-186.

Denzin, N. (1989). *Interpretative biography*. London: Sage Publications.

Dosse, F. (2009). *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp.

Gay, P. (1989). *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Greene, M. T. (2007). Writing scientific biography. *Journal of the History of Biology*, 40(4), 727-759.

Gul, P.; Korosteliyov, A.; Caplan, L.; Ball, L. C.; Bazar, J. L.; Rodkey, E. N.; Young, J. L.; Sheese, K.; & Rutherford, A. (2013). Reconstructing the experiences of first generation women in Canadian psychology. *Canadian Psychology*, 54(2), 94-104.

Kendler, H. H.; & Kendler, T.S. (2003). A woman's struggle in academic psychology (1936-2001). *History of Psychology*, 6 (3), 251-66.

Loriga, S. (2011). *O pequeno x: Da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica.

Mills, C. W. (2009). *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1959).

Pickren W. E.; & Rutherford, A. (2010). *A history of modern psychology in context*. New Jersey: Wiley & Sons.

Popkin, J. D. (2005). *History, historians & autobiography*. Chicago: The University of Chicago Press.

Portillo, N. (2012). The life of Ignacio Martín-Baró: a narrative account of a personal biographical journey. *Journal of Peace Psychology*, 18(1), 77-87.

## IV CICLO DE PALESTRAS EM HISTÓRIA E FILOSOFIA DA PSICOLOGIA

*Universidade Estadual de Maringá*

16 a 17 de Outubro de 2015

---

Ratcliff, M. J. (2010). *Bonjour Monsieur Piaget: images d'une vie* [images of a life]. Paris: Somogy Editions d'Art.

Roudinesco, E. (1994) *Jacques Lacan: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras.

Runyan, W. M. (2006). Psychobiography and the Psychology of Science: Understanding relations between the life and work of individual psychologists. *Review of General Psychology*, 10(2), 147-162.

Skinner, B. F. (1979). *The shaping of behaviorist*. New York: Alfred A. Knopf.

Skinner, B. F. (1984a) *Particulars of my life*. New York: University Press.

Skinner, B. F. (1984b). *A matter of consequences*. New York: University Press.

Todes, D. P. (2002). *Pavlov's physiology factory: Experiment, interpretation, laboratory enterprise*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.

Vaughn-Blount, K.; Rutherford, A.; Baker, D.; & Johnson, D. (2009). History's mysteries, demystified: Becoming a psychologist-historian. *American Journal of Psychology*, 122, 117-129.

White, A. M.; Williams, R. L.; & Majzler, R. D. (2011). What makes a distinguished black psychologist? An empirical analysis of eminence. *Journal of Black Psychology*, 37(2), 131-163.